

# ÂNFORAS PANATENAICAS E PAISAGENS ESTRUTURAIS

Gilberto da Silva Francisco<sup>1</sup>

RESUMO: Este artigo discute a noção de paisagem relacionada a comportamentos estruturalmente articulados; dessa forma, paisagens estruturais. O objeto de análise são as dinâmicas diversas que organizaram comportamentos tradicionais relacionados ao manejo de um tipo de vaso: as ânforas panatenaicas.

PALAVRAS-CHAVE: Arqueologia clássica, Ceramologia grega, Ânforas panatenaicas, Paisagem estrutural.

ABSTRACT: This paper deals with the concept of landscape related to structurally organized behaviors, thus structural landscapes. The object of analysis is the several dynamics which organized behaviors related to the management of a type of vase: the Panathenaic amphorae.

KEYWORDS: Classical Archaeology, Greek Ceramology, Panathenaic Amphorae, Structural Landscape.

Atualmente, a noção de paisagem apresenta uma ampla, complexa e variada carga semântica, distanciando-se da formulação original, razoavelmente variada,<sup>2</sup> mas fixada, sobretudo, no tema e na execução ligada à pintura;<sup>3</sup> o que

<sup>1</sup> Pós-doutorando MAE/USP; e-mail: gisifran@gmail.com.

<sup>2</sup> É o que indica a apresentação do verbete *Paisagem* em um dicionário inglês-português do século XVIII: “LANDSCAPE, s. vista, o que se descobre de terras, campos, ou de outros objetos distantes; it. Paisagem, paizes, paineis que representaõ arvoredos, prados &c. (...) LANDSKIP, s. idem.” (VIEIRA, 1773, verbete *landscape/landskip*).

<sup>3</sup> Em um dicionário do final do século XVIII (*Encyclopaedia Britannica; or, a dictionary of arts, sciences, and miscellaneous literature*, vol. 13), no longo verbete “Pintura” (p. 589-657), paisagem é apresentada como um gênero de pintura (p. 635-41) e baseia uma especialidade (o pintor de paisagem – p. 636, 639-40). Numa caracterização posterior do conceito, o termo é amplamente situado no campo da pintura na sua descrição: “Paisagem (a terminação *-scape* nesta palavra responde sufixo alemão *-schaft*, que é um particípio do verbo *schaffen*, fazer). O cenário do campo apresentado ao olho; e também, na sua acepção mais comum, uma figura apresentando tal cenário. A paisagem, *latu senso*, pode, porém, tornar-se alegórica e histórica no seu significado aplicado pelos artistas nos seus termos. O estudo principal do pintor da paisagem é o mundo vegetal, ar, água, pedras e edifícios. A isso ele pode imputar um ideal de beleza e assim elevar sua arte acima da mera pintura topográfica; um termo que pode ser aplicado ao seu trabalho, se ele simplesmente copia sem o refinamento que é apresentado ao seu olho. Uma paisagem pode ser igualmente elaborada em todas as suas partes, observando-se a perspectiva ao ar livre, porque o olho não é necessariamente mais fixo na visualização de uma imagem que em sua observação do cenário natural. As partes de uma figura são vistas em sucessão, tal como as várias partes de uma paisagem presente na natureza” (*Landscape (the termination scape in this word answers to the German suffix schaft, which is really a participle of the verb schaffen, to make). The scenery presented to the eye in the country; as also, in its more common acceptation, a picture representing such scenery. A landscape in the latter sense may, however, become allegorical and historical, in the meaning applied by artists to those terms. The chief study of the landscape painter is the vegetable world, air, water, rocks, and buildings. To these he may impart an ideal beauty, and thus elevate his art above mere topographical painting; a term which may be applied to his work, if he merely*

foi bastante ampliado já no final do século XIX pela atuação de geógrafos alemães que cunharam a ideia de “paisagem cultural” (RUSSO, 1996, p. 38), tornando o espaço geográfico um elemento constante no debate. Pensando-se nas unidades constitutivas, as possibilidades foram bastante alargadas e um continente, uma região, um polo específico relacionado a alguma dinâmica humana, um bairro, um quarteirão, um conjunto habitacional, uma habitação (ou até um cômodo) são caracterizados paisagens; ou seja, uma delimitação situada entre uma perspectiva micro e macroespacial. E essas balizas, elas mesmas, entram na discussão. Por exemplo, Ralston e Jain (2002) apresentam uma “paisagem microscópica do próton” e, na descrição de um gás normal, Emch e Liu (2002, p. 320) dizem que

para [se ter] uma ideia rápida da paisagem microscópica, note que o diâmetro molecular é da ordem de  $\approx 10^{-8}$  cm; a distância média entre as moléculas é de  $\approx 10^{-7}$  cm, de modo que as moléculas ocupam cerca de um milésimo do volume total do gás.<sup>4</sup>

Fala-se, ainda, em paisagens microscópicas de tumores, de cânceres; assim, a paisagem situada no nível das células (ATLAS & BARTHA, 1998, p. 343), e também em paisagens do *DNA* (ácido desoxirribonucleico) e do *RNA* (ácido ribonucleico) (FORMOSA, 2003; PROCTOR, 2007 e COWPERTHWAITTE, 2008, p. 10). No outro extremo, encontra-se a paisagem macroscópica que transita entre unidades como um país (SPENDER & HALL, 1970, p. 39), um planeta (dessa forma, uma paisagem terrestre, marciana, venusiana – GREELAY, 1994) e até uma galáxia;<sup>5</sup> situando-se nesse contexto as paisagens cósmicas (SUSSKIND, 2006 e ROWAN-ROBINSON, 1979).

---

*copies without refinement what is presented to his eye. A landscape may be equally elaborated in all its parts, with a due observance of aerial perspective, because the eye is not necessarily more fixed in viewing a picture than it is in looking at natural scenery. The parts of a picture are viewed in succession, just as the various parts of a landscape present themselves in nature* (BRANDE et al, 1866, verbete *Landscape*; ver também verbete *Landscape gardening*).

<sup>4</sup> For a snapshot idea of the microscopic landscape, note that the molecular diameter is of the order of  $\approx 10^{-8}$  cm; the average distance between the molecules is  $\approx 10^{-7}$  cm, so that the molecules occupy about one thousandth  $[(10^{-8}/10^{-7})^3]$  of the total volume of the gas.

<sup>5</sup> *Macroscopic landscape* (ver NASA, *Understanding the human life*).

Evidentemente, tais termos não são sempre discutidos no seu uso, mas é interessante pensá-los a partir da apropriação que se faz da ideia de paisagem; assim, paisagem como unidade espacial delimitada pelo homem; não apenas um espaço vivido, mas também aquele que é conceitualizado. Além disso, a grande variedade incidente sobre esse conceito impele a se pensar em uma explicação imediata para seu uso. Assim, pergunta-se, o que é uma paisagem estrutural? E, considerando que esse conceito já vem sendo utilizado, é devido pensar sua adequação na discussão aqui empreendida.

Em uma descrição da estrutura geológica do território da França, Pinchemel apresenta os seguintes dados:

Nos Pirineus, a paisagem estrutural mais comum é o resultado da combinação de faixas do calcário urgoniano, por vezes reforçada por dolomitas jurássicos (em Béarn), com longos vales subsequentes abertos, seja mais baixo nos xistos aptianos ou na marga liássica e *beuper* ofítico.<sup>6</sup>

Calcário urgoniano, dolomitas jurássicos, xistos aptianos, margas liássicas, *beuper* ofítico são termos que descrevem elementos da sequência de camadas geológicas desde o período jurássico até o cretáceo; ou seja, estão relacionados a formações situadas entre 200 e 65 milhões de anos passados. A estrutura, dessa forma, está ligada ao longo e lento processo de organização das camadas geológicas e à formação de cadeias montanhosas.<sup>7</sup> É interessante notar, nesse sentido, que a partir de um universo cronológico bem mais modesto, a estrutura, relacionada à ideia de longa duração, conforme Braudel na sua tese de 1947, é situada no âmbito do meio físico, remontando a longos processos caracterizados por lentíssimas mudanças ativamente mediadas por dinâmicas ambientais. Entretanto, o debate avançou, e mesmo Braudel em

---

<sup>6</sup> *In the Pyrenees the most common structural landscape is the result of the combination of bands of Urganian limestone, sometimes reinforced by Jurassic dolomites (in Béarn), with long subsequent vales opened either in Lower Aptian shales or in Liassic marl and ophitic beuper* (PINCHEMEL, 1969, p. 52).

<sup>7</sup> O termo “paisagem estrutural” é aplicado, ainda, nas artes visuais, estabelecendo-se uma clara derivação do sentido geológico. Por exemplo, a paisagem montanhosa de Aix em Provence, sobretudo o Monte Santa Vitória, pintado exhaustivamente pelo pintor francês Paul Cézanne, também foi chamado de “paisagem estrutural” (ver NATIONAL Australia Bank, 1986, p. 41); assim como a pintura *Structural landscape* (acrílico sobre cartão) do artista polonês Elzbieta Przepiorkowska, que estabelece o mesmo paralelo.

1958, em um artigo que discutia conceitualmente a ideia de longa duração, propõe uma abrangência de seu domínio para além do referencial geográfico, alcançando as esferas da cultura e das mentalidades, o que foi reforçado e desenvolvido por Vovelle (1990, p. 89) ao discutir as interfaces entre as diferentes dimensões durativas do tempo. É possível, assim, pensar em estruturas além das geográficas e paisagens estruturais relacionadas a essa dimensão da experiência humana no planeta.

A ideia de paisagem estrutural é também amplamente utilizada para descrever a solidez de edificações no âmbito da Arquitetura. E, ainda aqui, encontra-se outro paralelo com a perspectiva da estrutura na discussão de Braudel. A metáfora da solidez, da coerência temporal que Braudel utiliza remete a esse campo. Ele diz:

Os observadores do social entendem por estrutura uma organização, uma coerência, relações suficientemente fixas entre realidades e massas sociais. Para nós, historiadores, uma estrutura é, indubitavelmente, um agrupamento, uma arquitetura; mais ainda, uma realidade que o tempo demora imenso a desgastar e a transportar (BRAUDEL, 1986, p. 14).

A partir disso, pensa-se na paisagem estrutural como espaço delimitado relacionado a ações humanas estruturalmente articuladas, por vezes até condicionando-as, ao menos parcialmente.

\* \* \*

É a partir dessa perspectiva que, aqui, será acompanhada brevemente a trajetória das ânforas panatenaicas,<sup>8</sup> e a discussão sobre as paisagens estruturais justifica-se pelo conjunto de situações tradicionais às quais esse tipo de objeto estava ligado. Sua trajetória pode ser observada a partir de três contextos básicos: o próprio da produção e aqueles relacionados à sua inserção primária (o uso previsto) e secundária (necessariamente posterior ao primário e não previsto).

Sua produção era feita nas oficinas áticas, sobretudo aquelas do Cerâmico, o bairro de artesãos contíguo à principal necrópole ateniense e à

---

<sup>8</sup> Para as ânforas panatenaicas, ver Bentz, 1998 e Francisco, 2012.

porta dupla (o *Dípilon*) de onde saía a procissão panatenaica. Entretanto, pode-se pensar em uma projeção espacial bem mais ampla, se considerarmos os diálogos artesanais que condicionaram em grande parte a produção de ânforas panatenaicas na perspectiva diacrônica. Um exemplo bastante claro é a figura da Atena *Promachos* (**ver figuras 1-7**). Quando ela começa a ser produzida sobre ânforas panatenaicas, esse esquema figurativo já era utilizado para determinado tipo de figuração da deusa em vários pontos do chamado Mundo Grego; revelando que tal formulação figurativa nas ânforas panatenaicas respondia a um amplo diálogo artesanal não delimitado nas oficinas áticas (FRANCISCO, 2012, p. 50-1); o que parece ter acompanhado boa parte da história dessa produção; já que, ainda no século IV a.C., é possível observá-lo em outro contexto: a aproximação figurativa entre a Atena das ânforas panatenaicas e outras cunhadas sobre moedas de Roma, Sicília, Macedônia, Ática, Fasélis, Alexandria, Cílica, e em alguns reinos indo-gregos (**ver fig. 8-10**).

Ora, o debate atual sobre tais formulações figurativas de Atena insiste em uma explicação baseada na ideia de representação. Assim, essas figuras de Atena sobre moedas seriam representações de uma estátua de culto em Pella, a Atena *Alkis* ou *Alkidemos* (TZOUVARA-SOULI, 1996, p. 499). Por outro lado, propõe-se que tal figura teria sido criada originalmente na produção de ânforas panatenaicas e, posteriormente, copiadas por motivos não conhecidos, na cunhagem de tais moedas (BARRINGER, 2003, p. 244). A cronologia desses objetos indica que esta segunda proposta é mais provável; posto que as figuras de Atena com esse aspecto arcaizante sobre as ânforas panatenaicas já ocorria em meados do século IV a.C. e apenas a partir do final do século IV a.C. sobre as moedas citadas (*Idem*).

Entretanto, mais do que localizar o ponto de origem, tais figurações indicam um consistente diálogo artesanal que se desenvolveu não apenas no âmbito da ornamentação desses vasos. Sua forma insere-se nesse diálogo entre artesãos antigos. A bibliografia insiste que a forma das ânforas panatenaicas tenha sido apropriada de dois tipos de ânfora de transporte do século VIII-VI

a.C. (a ânfora *SOS* ou da ânfora *à la brosse* – VALAVANIS, 1986, p. 454, n. 4), dadas as similaridades formais (**ver fig. 11**); entretanto, novamente o debate é focado na busca da origem de determinado conteúdo, a despeito de sua contextualização. Ora, se se pensar na função desses vasos (objetos para armazenamento e transporte de líquidos), percebe-se que ânforas com formas bem diferentes, mas com função similar, apresentam um elemento recorrente: a relação entre o diâmetro do bojo e do pescoço. O pescoço dos vasos de transporte são, geralmente, bastante estreitos em relação ao bojo; e há uma proporção básica entre 1 para 1/3 e 1 para 1/5 entre o diâmetro do bojo e do pescoço. Relação que marcou consistentemente a produção de ânforas panatenaicas e que é perceptível em ânforas de transporte produzidas em vários pontos do Mediterrâneo desde o século VIII a.C. até o período romano (**ver fig. 12-13**).

Ainda sobre a função, a inscrição *ton athenethen athlon*, presente na maioria das ânforas panatenaicas (**ver fig. 1**, para um exemplo),<sup>9</sup> é interpretada como um tipo de controle do conteúdo, o óleo panatenaico; o que pode ser aproximado das variadas inscrições e estampas que compunham vasos de transporte desde o período micênico até o período romano, indicando mecanismos de controle e informações sobre proveniência e (ou) destino do conteúdo (**ver fig. 14-18**). Bem, o potencial conteúdo, neste caso, é o óleo panatenaico. E, pensando-se na sua ampla disseminação no Mediterrâneo antigo, revela-se outro elemento tradicional: a demanda pelo óleo e sua circulação. Os mais antigos vestígios de oliveiras na região da Grécia remontam ao neolítico; mas não é possível estabelecer uma ligação com a experiência de cultivo identificada posteriormente em Creta, situados no terceiro milênio a.C., contexto no qual é identificada a exportação de óleo; por exemplo, ao Egito (DALBY, 2003, p. 239 e SALLARES, 1991, p. 304-9).

Assim, o vaso em seu aspecto estético, prático e seu conteúdo, tudo isso pode ser situado em um ambiente de práticas tradicionais nas quais a

---

<sup>9</sup> Ver Hannah, 2001; para uma discussão sobre o significado desse tipo de inscrição nas ânforas panatenaicas. Ver, ainda, Francisco, 2012, p. 257-65; para um levantamento das inscrições sobre as ânforas panatenaicas.

premiação nos jogos panatenaicos foi inserida. E a paisagem descrita por tais práticas estruturou-se em uma perspectiva macro, aqui chamada de regional: maior que Atenas, maior que a Ática e, por vezes, maior que o Mundo Grego; alcançando uma grande projeção no Mediterrâneo. É o que indica, por exemplo, o mapeamento da difusão das ânforas panatenaicas a partir dos locais de achado, compreendidos em uma longitude entre a Ásia Menor e a Itália e uma latitude entre o Mar Negro e o Norte da África (**ver fig. 19**); chamando a atenção, casos como o da Etrúria, que não pertencia ao chamado Mundo Grego e cujos habitantes não podiam participar dos Jogos Panatenaicos. Mas, mesmo com isso, é um dos locais de achados mais numerosos de ânforas panatenaicas fora da Grécia continental.

Como visto, a produção, o uso e a deposição dos vasos panatenaicos, todos esses elementos importantes para a observação da trajetória de um tipo, foram amplamente condicionados por uma paisagem estrutural que respondia aos contornos do Mediterrâneo. Entretanto, a situação é mais complexa que isso; já que todos esses aspectos eram também condicionados por um interesse específico concentrado, por mais de 500 anos, à atuação da pólis ateniense. Eram as demandas do festival panatenaico que promoveram a materialização desse tipo de premiação e o controle inicial de seu conteúdo. Dessa forma, vale observar a perspectiva micro, aqui entendida como local.

Como visto, havia uma ampla projeção desses objetos; mas, quantitativamente falando, o local com achados mais numerosos é Atenas: quase 50% do total.<sup>10</sup> Ora, há, com isso, claramente uma coerência forte entre polo de produção, espaço de uso primário e de imobilização desses objetos. Mais que isso, pensando-se em uma trajetória para além do contexto sistêmico, o quadro de coerência é ratificado pela forte consistência desses objetos que ali permaneceram em contexto arqueológico, e onde foram encontrados, o mesmo local de ressignificação como objetos de museu – não mais o vaso relacionado ao universo da premiação, mas um documento ou objeto de arte. Ou seja, uma trajetória milenar consistentemente estruturada em Atenas, onde as ânforas

---

<sup>10</sup> Para a distribuição quantitativa por locais de achado, ver FRANCISCO, 2012, p. 18-9.

panatenaicas foram produzidas, utilizadas em um evento específico, onde elas foram depostas e passaram mais de 2 mil anos sob a terra ou no interior de uma tumba; onde, ainda, elas foram encontradas, limpas, catalogadas, descritas, colocadas em uma exposição ou reserva técnica. É a experiência em Atenas, nesse sentido, que apresenta aparentemente a paisagem estrutural mais sólida ligada à trajetória das ânforas panatenaicas.

A interpretação dessa paisagem estrutural é complexa; já que o maior número de ânforas panatenaicas encontradas em Atenas não indica necessariamente um grande interesse em mantê-las ali. Dizer isso parece repetir, ao avesso, o engano de Julia Martha que, no final do século XIX, ao interpretar os pouquíssimos achados então na Grécia, dizia que “parece então que em Atenas não se interessava pelas ânforas [panatenaicas], porque se acreditava que não valia à pena conservar tais vasos [...]”.<sup>11</sup> A dinâmica das escavações em Atenas (ainda incipiente em vários espaços importantes como a Ágora, a Acrópole e o Cerâmico) não permitia a apresentação de uma colocação tão definitiva sem ao menos se pensar na dinâmica dos achados. No cenário atual, apesar dos inúmeros achados e de certa clareza sobre o universo documental, deve-se ainda agir com cautela. Assim parece que a interpretação desses números deve ser feita considerando-se a discussão sobre o registro arqueológico, a quantidade e qualidade dos objetos, a dinâmica das escavações e das publicações desses objetos e indícios de seu uso em contexto sistêmico.

É interessante notar, quanto à questão do registro arqueológico, que estudos sobre material lítico lascado na pré-história revelam uma grande quantidade de vestígios em sítios-oficina (espaços onde alguns instrumentos de pedra eram produzidos), mais que nos locais de uso primário e secundário.<sup>12</sup>

---

<sup>11</sup> *Il paraît qu'alors à Athènes on ne faisait aucune attention aux amphores, parce qu'on croyait que ces vases ne valaient pas la peine d'être conservés [...]* (MARTHA, 1877, p. 174).

<sup>12</sup> O “sítio-oficina” é caracterizado, geralmente, por uma grande quantidade de material relacionado à produção (debitado e ferramentas) e uma comum ausência de vestígios de habitação, quando não há articulação de atividades variadas (produção e habitação, por exemplo) no mesmo espaço. Para a caracterização do sítio-oficina, ver *Bureau of Land Management*, 1982, p. 132. Para a sua descrição breve na caracterização de alguns sítios líticos, ver Guidon, N.; Felice, G. & Lima, C. F. M., s/d, p. 149; *Revista de pré-história*, Volumes 1-4. Universidade de São Paulo, Instituto de Pré-história., 1979, p. 31; *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, Vol. 15-16. Universidade de São Paulo, 2005, p. 171.

Assim, parece, quanto mais distante (especialmente e temporalmente) do contexto da produção, menos consistente quantitativamente é a presença desses objetos. No caso de Atenas, essa situação poderia ser observada na deposição de um grande número de ânforas panatenaicas no *Pompeion*, na região do Dípilo, sobretudo no século IV ao II a.C., época em que provavelmente esse espaço era utilizado para o armazenamento dos vasos panatenaicos. Ou seja, conjuntos de vasos imobilizados em situação, pode-se dizer, “pré-primária”.

Mas também é possível identificar grupos numerosos de ânforas panatenaicas utilizadas em contexto secundário. É o que revela o caso de Alcibíades, general, político e atleta de expressão em Atenas, que teve seus bens colocados à disposição da pólis ateniense em 414/3 a.C., conforme inscrição *IG I<sup>3</sup> 422*. Na lista de seus bens à venda, há indicado um conjunto de 102 ânforas panatenaicas, provavelmente obtidas de uma só vez, conforme indicam as balizas cronológicas. Nesse caso, por interesse do atleta vencedor (Alcibíades), manteve-se, em Atenas, um conjunto grande de vasos panatenaicos provavelmente relacionados ao óleo obtido mediante sua vitória na prova de corrida de carro. Vale dizer, não há outro registro tão claro da preservação de um conjunto tão numeroso mantido por interesse do atleta vencedor.

Diferente disso, o caso de Teaios de Argos, por exemplo, que levou seus vasos panatenaicos cheios de óleo para Argos depois de sua vitória no segundo quartel do século V a.C. na prova de luta (*pale*), conforme indica Píndaro (*Nemeanas* 10, 35), contrasta com o cenário de achados na região: não há nenhum registro de ânfora panatenaica encontrada em Argos. Há identificado, ainda, o caso de outro vitorioso na corrida de carro, Nicágoras, que, como parece, teria levado consigo para Rodes alguns vasos panatenaicos (foram identificados cerca de 14); nada próximo dos mais de cem vasos indicados como posse de Alcibíades, considerando que, nos dois casos, o ganhador da prova de corrida de carro deveria obter algo estimado em mais de cem vasos cheios de óleo. Tais colocações, claramente, são referências frágeis, pois há, de um lado, a indicação de um conjunto pouco após sua obtenção no século V a.C. (o caso de Alcibíades) e, de outro, a verificação a partir de achados mais de mil anos depois

(os casos de Teaios e de Nicágoras). Entretanto, a ausência de achados em Argos, por exemplo, é, pelo menos, indicativa.<sup>13</sup>

A partir disso, pensa-se que a manutenção desses objetos (vasos cheios de óleo que poderiam compor um conjunto com massa equivalente a mais de 5 toneladas para uma única premiação – o caso da corrida de carro) seria mais fácil em Atenas, dado o deslocamento interno; ou seja, um traslado por terra, mas de curta distância. No caso dos vencedores provenientes de cidades mais distantes, o deslocamento dessa massa bastante expressiva poderia ser um problema. É preciso notar que a produção, preparação e deslocamento inicial da premiação no contexto das Panateneias era relacionada à atuação da pólis ateniense, que poderia mobilizar uma grande quantidade de energia mecânica (animal ou humana). Depois disso, seu deslocamento era de responsabilidade do atleta e, pensar em uma comercialização do óleo ali mesmo em Atenas indica um cenário coerente a uma possível dispersão mais difusa. A questão é que, mesmo condicionados por uma paisagem estruturalmente constituída que impelia tais vasos cheios de óleo a viajarem a pontos distantes do Mediterrâneo, eles permaneceram em grande número na região onde foram produzidos e utilizados em contexto “pré-primário”, primário e secundário.

Entretanto, na outra ponta do processo, depois de seu alheamento milenar, tais objetos foram alvo de nova movimentação. É o que indica a primeira notícia de achado de um vaso panatenaico encontrado por um viajante francês em Trípoli em 1712. Claude Lemaire encontrou um vaso ao qual chamou de urna (pois era preenchido com restos mortais) e o levou para a França. Vaso que hoje está desaparecido. Esses deslocamentos estavam ligados à constituição de coleções que, desde o Renascimento, vinham sendo amplamente compostas por objetos reencontrados em escavações não sistemáticas e por leigos em vários pontos do Mediterrâneo. Entretanto, pode-se perceber certa coerência da permanência entre local de achado e de nova imobilização desses objetos: fala-se da dos museus articulados a sítios arqueológicos.

---

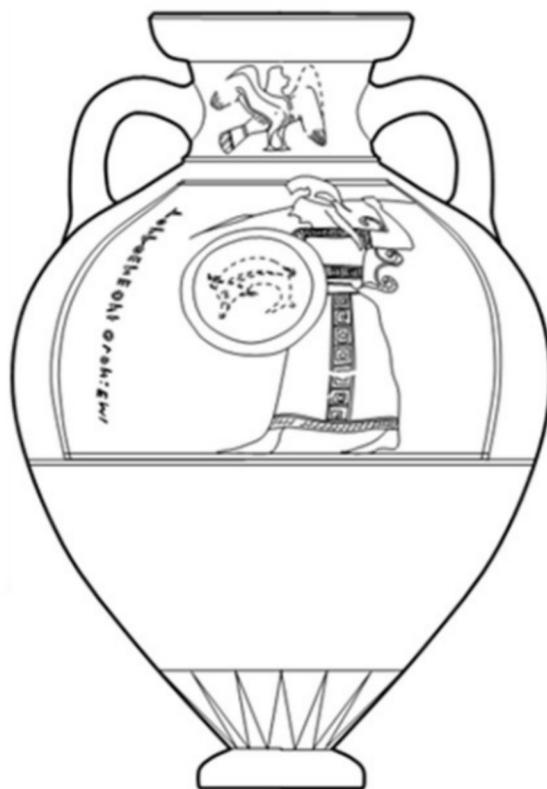
<sup>13</sup> Para os casos de Alcibíades, Teaios e Nicágoras, ver Francisco, 2012, p. 114-5.

A maior parte dos vasos panatenaicos compõe coleções de cidades ou países nos quais foram encontrados. E, nesse sentido, os achados em Atenas ratificam a paisagem estrutural ali constituída. As leis de proteção das antiguidades gregas de 1932, ratificada em 2002, impedem a saída desses objetos do solo grego.<sup>14</sup> E, articulando-se à lógica dos museus de sítios, essa paisagem estrutural parece consolidar-se. Por exemplo, o sítio com achados mais numerosos, o Cerâmico em Atenas, apresenta o museu com o maior número de objetos inventariados (cerca de 20 %).<sup>15</sup> Assim, relacionado à região da produção, do armazenamento desde o século IV a.C., da imobilização em várias tumbas, consolida-se a paisagem estrutural mais precisa e mais restrita desse tipo de objeto. Pode-se mesmo dizer que a maior parte dos vasos panatenaicos conhecidos se afastou poucos quilômetros do espaço onde foram produzidos.

---

<sup>14</sup> Para as leis de proteção das antiguidades gregas, desde o século XIX, ver Treves & Pineschi, 1997, p. 249-50. Para as leis 5351 (de 1932) e 3028 (de 2002), ver Valavanis & Delevorrias, 2007, p. 30.

<sup>15</sup> Para o levantamento quantitativo de vasos panatenaicos em museus em vários países, ver Francisco, 2012, p. 204-10.



**Fig. 1.** Ânfora panatenaica (face com a figura da deusa Atena), Londres, Museu Britânico, inv. B 130 – ver Francisco, cat. 1.



**Fig. 2.** Placa de bronze recortada, final do século VII, início do VI a.C., Prov.: Templo “geométrico” de Dreros; Heracleion, Museu Arqueológico, Inv.: 2273 [LIMC (verbete Atena, fig. 68)];

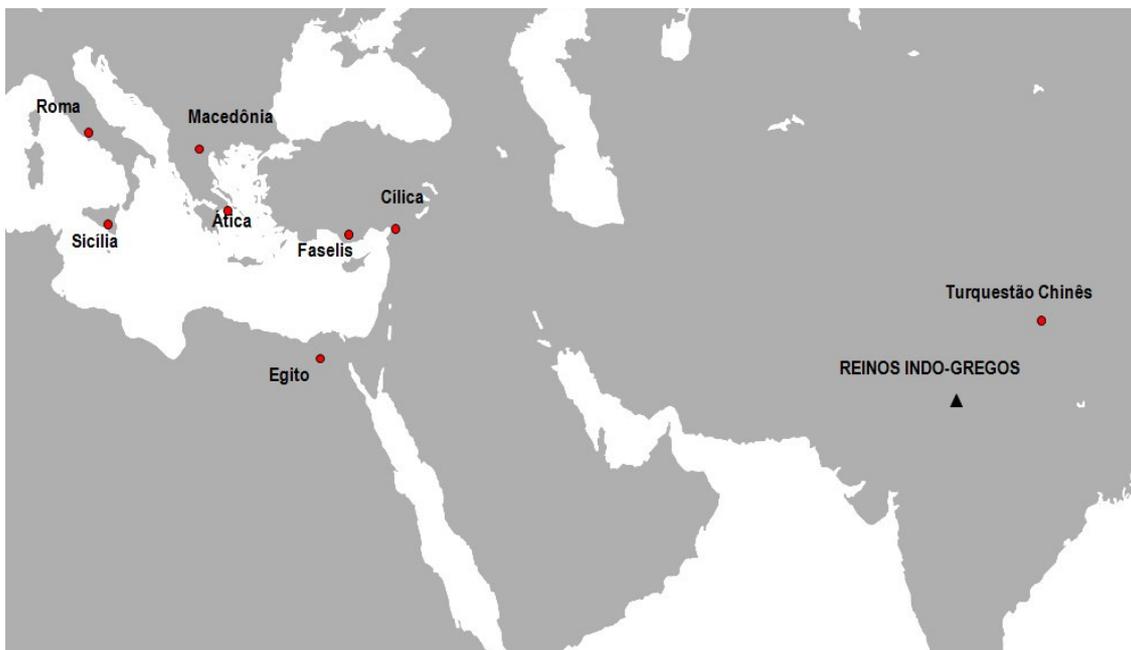
**Fig. 3.** Estatueta de bronze, segundo quartel do século VII a.C., alt.: 15 cm, Prov.: Olímpia, Olímpia, Museu de Olímpia, Inv.: 4500 [LIMC (verbete Atena, fig. 69); Bandinelli, 1976, fig. 124];

**Fig. 4.** Estatueta de bronze ática (?), final do século VII a.C., Prov.: Ática, Zurique, Coleção Bührlé [LIMC (verbete Atena, fig. 70)];

**Fig. 5.** Estatueta de bronze, segunda metade do século VI a.C., Prov.: Messênia, Mariemont, Museu de Mariemont, Inv.: B 31 [Faider-Feytmans, G. (1952) *Les antiquités du musée de Mariemont*. 86 G 54, pl. 31];

**Fig. 6.** Estatueta de bronze, segunda metade do século VI a.C., Atenas, Museu Nacional [DE RIDDER, A. (1896) *Catalogue des bronzes trouvés sur l’Acropole d’Athènes*, n. 789 m];

**Fig. 7.** Estatueta de bronze, c. 480-470 a.C., Prov.: Atenas (Acrópole), Atenas, Museu Arqueológico Nacional, Inv.: 6447 [ROLLEY, Cl. (1967) *Les bronzes*. 4, n. 42, pl. 12; LIMC (verbete Atena, fig. 146)] (todas sem escala).

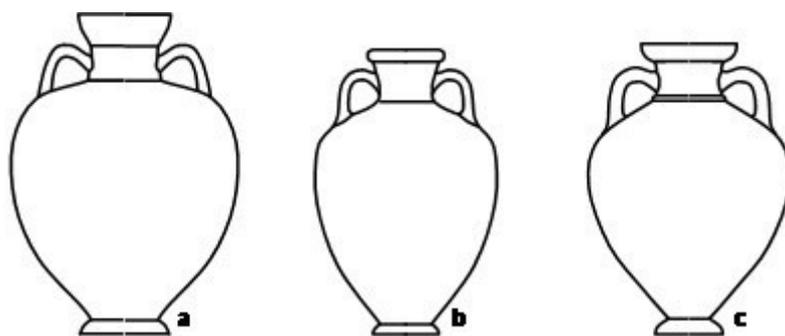


**Fig. 8.** Regiões de incidência da figura de Atena Alkis, Promachos, Palladium e Minerva.

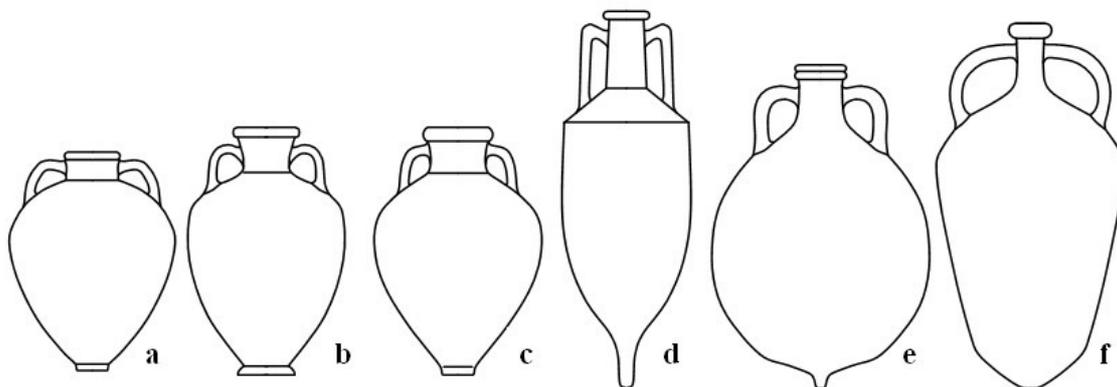


**Fig. 9.** (esquerda) Atena promachos de ânfora panatenaica helenística (363/362 a.C.), Eretria, Archaeological Museum;

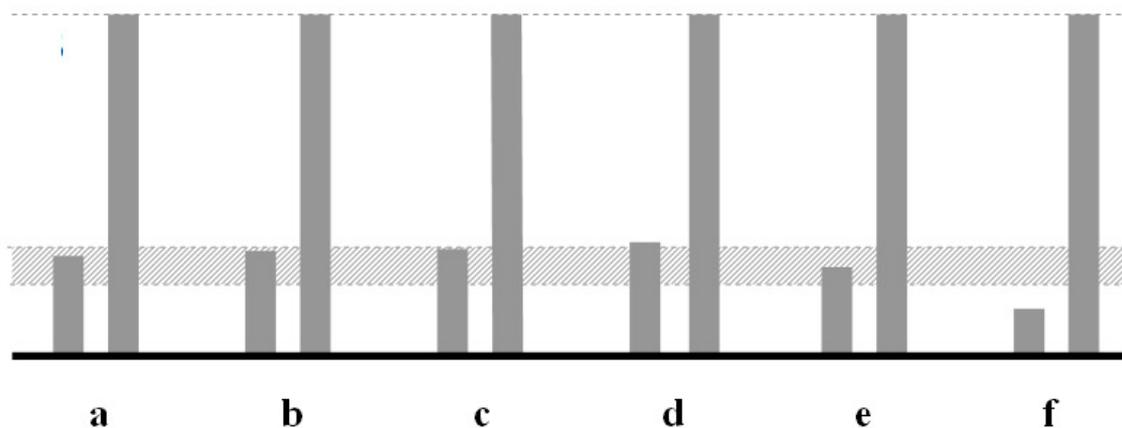
**Fig. 10.** (direita) Moedas helenísticas com figura de Atena promachos: (acima, à esquerda) Octóbulo de prata, Siracusa, 278–276 a.C., Pirro, rei de Épiro; (acima, à direita) Tetradracma de prata, Alexandria, 305/4–282 a.C., Ptolomeu I; (baixo) Atena Alkis: Tetradracma de prata, Macedônia, 277–239 a.C., Antigonos II Gonatas.



**Fig. 11.** (esquerda) Ânfora “SOS”, início do século VI a.C., prov.: Vulci, alt.: 67,5 cm, Pensilvânia MS 562; b. (meio) Ânfora *à la brosse*, século VI a.C., alt.: 60 cm, Atenas, Ágora 1501-2-3; c. (direita) Ânfora “protopanatenaica”, c. 570, Bolonha-sobre-o-Mar 592.



**Fig. 12.** Ânforas de transporte variadas: ânfora de Samos, primeira metade do século VI a.C. (a), ânfora ática (*à la brosse*), século VI a.C. (b), ânfora de Quios, século VII a.C. (c), ânforas romanas Dressel 3 (d), 20 (e) e 34 (f).



**Fig. 13.** Gráfico de relação entre a medida do bojo (maior) e do pescoço (menor), a maioria transitando entre 1 para 1/3 e 1 para 1/5 (faixa hachurada).



**Fig. 14.** Vaso inscrito (em Linear B) para transporte de vinho e óleo, c. 1300 - c. 1190, Kadmeion, Thebes – três nomes: dois nomes de pessoas e um nome de lugar, segundo Mountjoy, 2001, p. 74.

**Fig. 15 e 16.** Detalhes de jarro de transporte (parte alta com inscrições em Linear B); (acima) encontrada em Eleusis, (abaixo) encontrada em Tebas – alturas: c. 40 cm.

**Fig. 17.** Vaso de transporte (inscrição em etrusco).

**Fig. 18.** Estampilha de alça de ânfora grega de transporte.



Fig. 19. Locais de achado de ânforas panatenaicas.

## **Bibliografia**

ATLAS, R. M. & BARTHA, R. *Microbial ecology: fundamentals and applications*. Benjamin/Cummings, 1998.

BARRINGER, J. Panathenaic games and Panathenaic amphorae under Macedonian rule. In: PALAGIA, O. & TRACY, S. V. (eds.) *The panathenaic games. Proceedings of an international conference held at the University of Athens, May 11-12, 2004*. Oxford: Oxbow, 2003, p. 243-56.

BENTZ, M. *Panathenaïsche preisamphoren: eine athenische Vasengattung ind ihre Function vom 6.4. jahrhundert v. Chr. Antike Kunst Beiheft 18*. Basel: Vereinigungder Freunde antiker Kunst, 1998.

BRANDE, W. T. et al. (eds.) *A dictionary of science, literature and art*. London: Longmans, Green and Co., 1866.

BRAUDEL, F. *La Méditerranée et le monde méditerranéen à l'époque de Philippe II*. Paris : Armand Colin, 1949.

\_\_\_\_\_. A longa duração. In: *História e ciências sociais*. 5<sup>a</sup> ed., Trad.: Rui Nazaré, Lisboa: Editorial Presença, 1986 , p. 7-39.

BUREAU OF LAND MANAGEMENT. *Butte District Wilderness planning amendment/environmental impact statement for the Dillon Resource Area, Beaverhead and Madison counties, Montana: final*. Montana: Dept. of the Interior, Bureau of Land Management, 1982.

COWPERTHWAITTE, M. C. *Mutation: Lessons from RNA models*. ProQuest, 2008.

DALBY, A. *Food in the ancient world from A to Z*. New York: Routledge, 2003.

EMCH, G. G. & LIU, Ch. *The logic of thermostistical physics*. Springer, 2002.

FORMOSA, T. Changing the DNA landscape: putting a SPN on Chromatin. In: Workman, J. L. *Protein complexes that modify chromatin*. Heidelberg: Springer, 2003, p. 171-202.

FRANCISCO, G. da S. Panatenaicas. Tradição, permanência e derivação. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arqueologia do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, 2012.

GIBSON, G. C. *Creation & Cosmos; The Literal Values of Genesis*. Lulu.com, 2005.

GREELEY, R. Planetary landscapes. Heidelberg: Springer, 1994.

GUIDON, N.; FELICE, G. & LIMA, C. F. M. *Salvamento arqueológico na área da adutora do garrincho. Fundamentos VI. Salvamento arqueológico na área da adutora do Garrincho.* s/d.

HANNAH, P. A. ΤΟΝΑΘΕΝΕΘΕΝΑΘΛΟΝ: A case study in the history of a label. In: WATSON, J. (ed.), *Speaking volumes: orality and literacy in the Greek and Roman world.* Mnemosyne, Supplement 218. Leiden: Brill, 2001, p. 161-86.

NASA (National Aeronautics and Space Administration). *Understanding the human life.* Site [http://map.gsfc.nasa.gov/universe/uni\\_life.html](http://map.gsfc.nasa.gov/universe/uni_life.html) - consultado em novembro de 2011.

MACFARQUHAR, C. & GLEIG, G. *Encyclopaedia Britannica; or, a dictionary of arts, sciences, and miscellaneous literature.* Vol. 13. Edinburgh: Bell and Macfarquhar, 1797.

MARTHA, J. Vases panathénaiques trouvés sur l'Acropole. *BCH I*, 1877, p. 173-6.

NATIONAL Australia Bank. *The seventies: Australian paintings and tapestries from the collection of National Australia Bank.* Melbourne: National Australia Bank, 1986.

PINCHEMEL, Ph. *Géographie de la France.* Praeger, 1969.

PROCTOR, D. Landscaping in the RNA world: the free energy landscape of the RNA subunits of Bacillus subtilis and Escherichia coli ribonuclease P. Smith College, Northampton, Mass, 2007.

RALSTON, J. P. & JAIN, P. Resolving the microscopic landscape of the proton. In: RADYUSHKIN, A. V. *et al. Exclusive processes at high momentum transfer: May 15-18, 2002.* Jefferson Lab, Newport News: Virginia, 2002.

ROWAN-ROBINSON, M. *Cosmic landscape: voyages back along the photon's track.* Oxford: Oxford University Press, 1979.

RUSSO, D. L'ouvre d'art et ses significations. Autour de la notion de paysage dans l'oeuvre de Georges Duby. In: Duhamel-Amado, D. & Lobrichon, G. (orgs.) *Georges Duby.* Bruxelles : De Boeck, 1996.

SALLARES, R. *The ecology of the ancient Greek world.* London: Duckworth, 1991.

Gilberto da Silva Francisco. *Ânforas Panatenaicas e Paisagens Estruturais*.

SPENDER, S. & HALL, D. *The concise encyclopedia of English and American poets and poetry*. Hutchinson, 1970.

SUSSKIND, L. *The Cosmic Landscape: String Theory and the Illusion of Intelligent Design*. Little, Brown and Co, 2006.

TREVES, T & PINESCHI, L. *The Law of the Sea: The European Union and Its Member States*. Boston, Leiden: Martinus Nijhoff Publishers, Jan 1, 1997

TZOUVARA-SOULI, C. Seal impressions from Cassope. *BCH*, suppl. 29, 1996, p. 497-509.

VALAVANIS, P. Les amphores panathénaïques et le commerce athénien de l'huile. *BCH*, suppl 13, 1986 , p. 453-60.

VALAVANIS, P. & DELEVORRIAS, A. *Great moments in Greek archaeology*. Athens: Kapon, 2007.

VIEIRA, A. *A dictionary of the Portuguese and English languages*, Vol. 2. London: J. Collingwood. 1773.

